



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

REFLEXÕES ACERCA DO PROCESSO DE FORMAÇÃO ATRAVÉS DE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS NA ATUAÇÃO NO PIBID – EJA

Caroline Santana Gomes

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

carolinesgomes_@hotmail.com

Larissa Buoro

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

buorolarissa@gmail.com

Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP

mrosamc@rc.unesp.br

Modalidade: Relato de Experiência

Eixo temático: A formação inicial de educadores (as) da modalidade de Educação de Jovens e Adultos nos cursos de Pedagogia e nas Licenciaturas (trabalhos que focalizem a gestão e experiência de formação inicial)

RESUMO

Vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID vem sendo desenvolvido o subprojeto Interdisciplinar –EJA na Unesp campus de Rio Claro, que atua no Instituto Allan Kardec (IAK), vinculado a Escola Municipal Marcello Schmidt. O IAK caracteriza-se por oferecer educação especial exclusiva, que atende educandos aos provindos de famílias de baixa renda, com déficit intelectual, privação cultural e alguns com necessidades especiais. A referida instituição acolheu o PIBID desde o ano de 2012, que desenvolve o trabalho nas turmas de alunos adolescentes e jovens. O objetivo do projeto é contribuir com professoras de turmas de EJA e desenvolver um trabalho coletivo com os alunos, tendo como campos de experimentação o exercício da linguagem, da arte e da escrita. O objetivo deste trabalho é discorrer sobre algumas vivências e experiências de duas alunas graduandas do curso de Licenciatura em Pedagogia, da UNESP, que são bolsistas deste Projeto e convivem diariamente com estes alunos de EJA. Cada aluna vai recorrer a seus registros diários e descrever a influência de estar em sala de aula e relatar uma experiência marcante que tenha vivido no Projeto durante o último ano de 2015, refletindo acerca da



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

importância de participar de um Projeto que coloca o estudante de Licenciatura dentro da sala de aula, e principalmente da EJA.

Palavras-Chave: EJA, PIBID, Experiência, Educação, Formação.

À SOMBRA DESTA MANGUEIRA

Antes de tornar-me um cidadão do mundo, fui e sou um cidadão do Recife, a que cheguei a partir de meu quintal, no bairro da Casa Amarela. Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidades tenho de me espriar, me mundializar. Ninguém se torna local a partir do universal. (FREIRE, 1995, p. 25).



1. INTRODUÇÃO

“Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como “aquilo que nos acontece, nos sucede”, ou “happen to us”, o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” (LARROSA, 2002, p.24)

Larrosa (2002) diz que estamos acostumados a pensar a educação do ponto de vista da relação entre ciência e técnica, ou da relação entre teoria e prática e, logo em seguida, ele nos convida a uma nova possibilidade: pensar a educação a partir da relação experiência e sentido. Nós aceitamos o seu convite e desde então temos feito o exercício de sermos essa superfície sensível - como ele mesmo define - das inúmeras experiências às quais estamos sujeitas dentro do universo da sala de aula.

Somos graduandas do curso de Licenciatura em Pedagogia da UNESP de Rio Claro e bolsistas PIBID¹. O nosso PIBID articula-se ao subprojeto Interdisciplinar envolvendo graduandos da Pedagogia, Geografia e Biologia e tem, especificamente, como campo de atuação a Educação de Jovens e Adultos – EJA. Nesta escola, particulariza-se o atendimento a turmas de adolescentes e jovens – entre 15 e 22 anos – sendo que uns apresentam atraso na aprendizagem e outros são portadores de necessidades especiais, com vistas à educação inclusiva. Esses alunos estão inseridos num contexto escolar organizado de acordo com a grade horária que rege a estrutura escolar da EJA, porém, o Instituto que acolhe estes alunos é o único do município que funciona no período matutino.

¹ O Pibid é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a Educação Básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de Educação Básica da rede pública de ensino. Os projetos devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola.



FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP

Nossa atuação na escola se organiza em observações, atividades e reuniões (na própria escola com as professoras e equipe gestora e na universidade com os grupos de estudos). As observações consistem em um acompanhamento das aulas - em 2014 foram quatro turmas - e auxílio às professoras (as quatro professoras das referidas turmas integraram o Projeto) e aos alunos, sempre que necessário. As atividades aconteceram uma vez na semana, sendo estas desenvolvidas e realizadas pelos próprios bolsistas. Ressalta-se que as atividades são discutidas nos grupos de orientação e estudos a fim de ter sempre um referencial teórico sustentando a nossa prática sendo sempre pensadas a partir dos passos que já foram dados junto aos alunos, ou seja, desenvolvemos uma atividade e no desenrolar desta observamos para qual direção os alunos nos apontam para que então possamos pensar no próximo passo a ser dado.

O nosso Projeto pauta-se numa proposta de proporcionar atividades diferenciadas, para estimular o convívio social entre os próprios educandos, relacionando com conteúdos aplicados durante as aulas e sempre envolvendo as práticas de leitura e escrita.

Durante o ano de 2014, o eixo que norteou todo o nosso trabalho foi: “Eu sujeito, penso, leio e escrevo o mundo que habito”. Voltamos todas as atividades para essa linha de pensamento, tentando descobrir como os educandos da EJA se veem, a princípio, no mundo escolar. A intenção foi criar possibilidades de modo a proporcionar, ao próprio aluno, esse tipo de reflexão. A nossa proposta, então, foi levar atividades que os fizessem pensar e repensar sobre o espaço escolar que eles ocupam, considerando as relações sociais que ali se tecem. A finalidade era fazer o aluno pensar-se nesse ambiente e perceber-se nas relações com o outro. Respeitar e fazer-se respeitar.

No ano de 2014 acompanhando as quatro salas da EJA, procuramos estar atentos a suas peculiaridades e por isso o trabalho foi enriquecido. O fato de as turmas da EJA serem compostas com alunos de perfil tão diferentes tem sido de um aprendizado muito grande para nós, enquanto pedagogas – educadoras – em formação, pois podemos vivenciar muitos momentos diferentes em um mesmo espaço. Ao detectar as singularidades que trazem cada um dos alunos ali presentes, a proposta era caminhar conforme o conhecimento trazido por cada um deles e, a partir daí, construir um movimento acolhendo o olhar do/a aluno/a e desafiando-o/a à ampliação do diálogo do que veem, do que percebem.



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Inúmeras são as experiências que poderíamos relatar. A cada aula os alunos nos surpreendem nos fazendo ter um olhar novo sobre determinada proposta. É incrível a forma como eles enxergam o que nós, muitas vezes, deixamos passar. Mais que detalhes, são acontecimentos plenos de significados, de elementos de vivências que os tornam acontecimentos vivos. Por isso o texto de Larrosa (2002) é algo que acontece em nós a cada leitura, que nos afeta como texto e como elementos de reflexão. A partir dessa leitura, particularmente, começamos a ter uma visão mais sensível da sala de aula, percebemos que a mesma é feita de detalhes, pequenos acontecimentos que não param de acontecer e nos permite estar sempre em movimento.

Assim, partindo do nosso eixo temático “Eu sujeito, penso, leio e escrevo o mundo que habito” começamos a pensar atividades que pudessem instigar os educandos a se descobrirem, a princípio, no ambiente escolar. Como eles se veem nesse ambiente? Recorremos a alguns meios para disparar e estimular uma reflexão e, assim, nos aproximamos de como os alunos se percebem na escola e como eles a entendem; consideramos olhar a escola com o olhar do/a aluno/a. Enfim, queríamos colocá-los como sujeitos em primeiro plano e realizamos então algumas atividades para que eles se enxergassem ali, no Instituto Allan Kardec.

Escolhemos para este trabalho duas experiências na qual fomos conduzidas, afetadas, e inquietadas pelos próprios alunos.

2.1 Cenário e Sujeitos envolvidos na Atividade, mais gosto/menos gosto.

Primeiramente levantamos com os alunos os espaços que compõe a instituição escolar da qual eles pertencem. Depois, perguntamos a eles qual espaço, dentre os que foram levantados, eles mais gostavam e posteriormente, qual eles menos gostavam. Vale ressaltar que esta atividade foi realizada em dois dias; um dia para “o que mais gosto” e outro para “o que menos gosto”. A resposta destas perguntas, neste primeiro momento,



FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS

V Seminário Nacional

13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP

não foi compartilhada com nenhum amigo, para que não houvesse influência de um para com o outro. Saímos então da sala, e levamos os alunos até as mesas da área aberta que há na escola. Lá, dois bolsistas estavam com máquinas fotográficas que serviram como o meio de registro. Cada bolsista acompanhou um aluno e este conduziu o bolsista até o local escolhido para fazer o registro do local por meio de uma foto.

Dentre as diversas fotos, duas (uma “do que mais gosto” e uma “do que menos gosto”) de um mesmo aluno nos chamou a atenção. Nas duas situações ele não tirou foto de lugares, tirou foto dele mesmo, do seu próprio rosto. Num contexto geral, uma das maiores dificuldades dos alunos deste Instituto é a de serem protagonistas de algo. Muitos não são protagonistas nem da própria vida, muito menos de sua formação. Percebe-se que com este público, esta “cultura” de coadjuvantes é refletida nos alunos na desvalorização de si, da própria história, do lugar que eles ocupam e um conformismo com a realidade que acaba por limitar a possibilidade de sonhos. Enfim, em todo esse contexto, no ambiente escolar, para o aluno fazer algo que o coloque em evidência é preciso um exercício, já que no seu dia a dia ele não experimenta isso na prática. Por este motivo, as fotos deste aluno nos chamou a atenção. Ele se colocou como personagem principal numa atividade que não exigia uma exposição de si tão evidente.

Após as fotos serem tiradas, reunimo-nos em um semicírculo e as apresentamos aos alunos. Conforme as fotos iam passando, seus respectivos “donos” explicavam para a sala os motivos que o fizeram escolher aquele determinado lugar. A foto do aluno comentado apareceu para a sala inteira e em momento algum ele se sentiu envergonhado em ter seu rosto exposto para toda a sala.

Começamos a observar então o seu comportamento, postura, convívio com os colegas e percebemos que, do momento em que nós começamos a conviver com ele em sala de aula no início do ano até ali: algo havia mudado! Mostramos as fotos deste aluno para a sua professora e relatamos a ela que havíamos notado que a sua postura estava mais autêntica de uns dias para cá. Foi então que a professora nos contou que há algumas semanas este aluno havia começado a trabalhar e desde então ele estava participando do ambiente escolar de forma mais ativa.

Para este aluno, o trabalho foi o meio que o fez se sentir inserido na sociedade. Ele



passou a se ver como parte das coisas e a se enxergar protagonista da própria história. Este foi o ponto de partida necessário para fazê-lo começar uma leitura do próprio mundo.

Como eles se veem nesse ambiente? Esta foi nossa primeira inquietação quando começamos a pensar as atividades e nos empolgou saber que agora ele era protagonista da própria história e estava começando a se aventurar numa leitura única do próprio mundo. Segundo Paulo Freire (1989), é fundamental a relação que cada sujeito estabelece com a leitura de mundo que, partindo de sua palavra, elabora-a na relação com a palavra escrita, que volta à leitura de mundo, modificada.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). [...] Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo. (FREIRE, 1989, p. 9)

2.2 Cenário e Sujeitos envolvidos na Atividade, diga-se, no tempo.

Para a atividade delineamos como objetivo fazer com que os alunos tivessem noção de que há outras Escolas além da que eles estudam, e que tais instituições podem ser muito diferentes daquela que eles estão habituados. A principal proposta era fazer o movimento contrário da atividade anterior, fazer com que o/a aluno/ aluna pensasse em uma Escola na qual ele não é o protagonista, porém, que ele se colocasse no lugar das pessoas que estudavam lá e que nos contassem o que estavam percebendo e sentindo ao ver aquela imagem, e o que tinham a dizer sobre.

Os alunos foram dispostos em um semicírculo, de modo que todos pudessem enxergar a tela do Notebook, uma vez que a imagem seria mostrada ali. Em um primeiro momento, nós apenas mostramos a imagem, sem fazer comentários do que se tratava aquele lugar e deixamos que eles comesçassem a falar e/ou a perguntar.

A partir das indagações, nós afirmamos “Isso é uma Escola” e a partir daí surgiram dúvidas e comentários de todos os tipos vindos dos alunos.



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

O próximo passo da discussão foi convidar os alunos a se imaginarem naquela escola. Pedimos para que fechassem os olhos e prestassem atenção nos sons que eles ouviam de dentro de suas salas de aula, sons da própria escola, sons da rua, enfim, quais eram os sons que no dia a dia compunham o ambiente escolar a que eles pertenciam. Após este exercício, pedimos aos alunos que olhando mais uma vez para a foto e, agora, que pensassem nos possíveis sons que os alunos de lá, no decorrer de um dia de aula, estavam acostumados a ouvir. Quais eram os sons que compunham aquele ambiente escolar? A discussão fluiu de modo tão marcante que os alunos foram além dos sons e começaram a ter olhos atentos a coisas que tinham na escola deles, que eles consideravam essenciais, e que faltava na escola apresentada. Neste momento surgiu uma discussão, não esperada e nem pensada por nós bolsistas, que nos chamou a atenção. No meio das falas um aluno disse: “Nesta escola o tempo não passa”. Todos nós olhamos para ele esperando uma explicação do raciocínio e ele continuou dizendo: “É... Nesta escola não tem parede, não tem relógio pendurado, então o tempo não passa”. Ele continuou: “Nesta escola também não tem sinal, se não toca sinal e não tem relógio, os alunos não vão embora nunca”.

No momento em que nós pensamos esta atividade juntamente com a professora Maria Rosa, nós olhamos para a imagem e nem passamos perto de uma indagação que se referisse ao tempo. A questão do tempo nos surpreendeu principalmente, pelo fato de um aluno levantar este ponto que, podemos dizer, pode estar nas ‘entrelinhas’ da foto, parece-nos que não há na imagem apresentada pistas mais assertivas acerca do tempo; por uma observação mais atenta, podemos elucubrar sobre a luminosidade que faz ser dia, por exemplo. Ele não apenas olhou para a imagem, ele fez uma leitura dela e essa era a proposta não só desta atividade em específico, mas de todo o trabalho do ano. Ele não leu o mundo em que ele habita, mas ele leu o mundo de alguém e mesmo lendo outro mundo, a leitura que ele faz do mundo dele conduz a leitura que ele faz do mundo do outro. Como será então que ele vê a questão do tempo no próprio mundo? Pela convivência sabemos que ele ainda não aprendeu a ver hora no relógio analógico, então por que sua concepção do tempo, que passa ou não passa, se apoia num objeto?

Este aluno começou a dar pistas de seu mundo e nós não percebemos isto de imediato. Claro que a questão do tempo nos incomodou desde o início, mas nós só fomos perceber que



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

ele entrara no movimento da proposta após levar esta discussão para o grupo de estudos, onde conseguimos entender que este aluno começara a fazer uma experiência com o próprio mundo e no caso deste aluno em específico, o disparador apresentou-se na forma de uma imagem.

Neste sentido, remetemo-nos a Paulo Freire, que faz esta distinção entre o que se aprende na Escola e o que se vivencia de fato no mundo.

O que é que eu quero dizer com dicotomia entre ler as palavras e ler o mundo? Minha impressão é que a escola está aumentando a distância entre as palavras que lemos e o mundo em que vivemos. Nessa dicotomia, o mundo da leitura é só o mundo do processo de escolarização, um mundo fechado, isolado do mundo onde vivemos experiências sobre as quais não lemos. Ao ler palavras, a escola se torna um lugar especial que nos ensina a ler apenas as "palavras da escola", e não as "palavras da realidade". O outro mundo, o mundo dos fatos, o mundo da vida, o mundo no qual os eventos estão muito vivos, o mundo das lutas, o mundo da discriminação e da crise econômica (todas essas coisas estão aí), não tem contato algum com os alunos na escola através das palavras que a escola exige que eles leiam. Você pode pensar nessa dicotomia como uma espécie de "cultura do silêncio" imposta aos estudantes. A leitura da escola mantém silêncio a respeito do mundo da experiência, e o mundo da experiência é silenciado sem seus textos críticos próprios. (FREIRE, 1986, p. 164)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2002, p.21). Na realidade em que nos encontramos, numa sala de aula tão cheia de particularidades e riquezas, a todo o momento estamos sujeitos a estas experiências que são capazes de nos formar. A formação se dá num movimento de acontecimentos e nós precisamos entrar nesta dinâmica para que sejamos nós as protagonistas destas experiências que estão a chegar.

Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna. (LARROSA, 2002, p.27)



**FORMAÇÃO DE EDUCADORES
DE JOVENS E ADULTOS**

V Seminário Nacional

*13 a 15 de maio - Faculdade de Educação
UNICAMP - Campinas, SP*

4. AGRADECIMENTOS

Agradecemos a oportunidade de estarmos inseridas num contexto tão rico. Temos a certeza de que cada experiência é uma experiência e, não é algo que possa ser comparado, pois ela é única para quem a vive. Diariamente, nós vivemos inúmeras situações no Instituto e cada uma delas nos forma e nos modifica e, deixa marcar para a construção da nossa identidade docente, que se inicia desde já.

Transmitimos também nossos agradecimentos, em especial à Professora Maria Rosa, pela orientação, apoio e confiança que nos tem dedicado em relação do PIBID, pelo aprendizado, não somente por ter nos ensinado, mas por ter nos feito aprender, e também pela oportunidade e apoio na elaboração deste trabalho.

Agradecemos a Gestão e as Professoras do Instituto Allan Kardec, pela receptividade com que sempre nos recebem na Escola, pela abertura de sua sala de aula e por nos confiarem seus educandos.

Aos outros bolsistas PIBID, pela paciência, pela parceria no projeto e principalmente pela amizade construída durante estes anos.

À CAPES pelo financiamento do Projeto.

5. REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. São Paulo: Autores Associados. 23^o ed. Ed. Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira.** São Paulo, Olho d'Água, 1995.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3^a edição, 1986.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência** e o saber de experiência. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp. 20-28.